

## **Impasses no MERCOSUL e o Discurso Midiático**

Os posicionamentos editoriais da grande imprensa brasileira sobre a participação da  
Venezuela no bloco

Leandro Almeida Lima

Trabalho preparado para apresentação no  
VII Seminário Discente da Pós-  
Graduação em Ciência Política da USP,  
de 8 a 12 de maio de 2017.

São Paulo

## **Impasses no MERCOSUL e o discurso midiático: os posicionamentos editoriais da grande imprensa brasileira sobre a participação da Venezuela no bloco**

---

**Resumo:** A imprensa é um importante ator político nas atuais sociedades democráticas, sendo capaz de influenciar segmentos do debate público. Destaca-se na política externa o tema da integração regional em razão de seus impactos econômicos e de sua centralidade nas estratégias de inserção internacional. No Brasil, a principal iniciativa deste tipo é o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) e a imprensa nacional não se omitiu ao seu último grande passo institucional: a participação da Venezuela no bloco. Este artigo analisa as posições editoriais dos principais jornais diários brasileiros (*Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*) sobre a entrada venezuelana no MERCOSUL (2006-2012) e as recentes sanções a ela impostas (2016). Os dois episódios também são de interesse analítico por refletirem dois momentos distintos do posicionamento oficial brasileiro em relação à Venezuela, favorável a Caracas no primeiro e desfavorável no segundo. A análise é realizada sobre o quadro teórico da Análise do Discurso com o auxílio de ferramentas metodológicas da análise textual linguística para a apreensão e comparação dos conteúdos editoriais. Os resultados indicam que os três jornais convergem na oposição ao ingresso da Venezuela e na crítica ao discurso oficial brasileiro à época, porém divergem sobre a imposição de sanções. A *Folha de S. Paulo* apresenta comportamento único em relação aos demais veículos uma vez que é o único a condenar as sanções, a mobilizar argumentos baseados nas tradições da prática diplomática brasileira e a persistentemente adotar posicionamento crítico ao discurso oficial do governo brasileiro.

**Palavras-Chave:** MERCOSUL; Venezuela; Mídia; Discurso.

### **1. Introdução**

A imprensa é um importante ator político nas atuais sociedades democráticas, havendo todo um conjunto de literatura especializada afirmando que ela é capaz de influenciar segmentos do debate público em diversos temas por sua capacidade de

influir no agendamento de quais tópicos serão discutidos e também em que termos o debate ocorrerá (McCombs e Shaw, 1972; Tuchman, 1978; Gitlin, 1980; Iyengar e Kinder, 1987; Scheufele e Tewksbury, 2007), além de intervir no processo de formulação de políticas (Soroka et al, 2013). Desta forma, o estudo das ações e preferências políticas da imprensa é de alta relevância como agenda de pesquisa em Ciência Política e Relações Internacionais. Tal comportamento e importância dos veículos de comunicação não se restringem apenas à política doméstica, mas se estendem à política externa (Soroka, 2003; Cohen, 2015).

Isto é especialmente verdadeiro naquelas iniciativas externas que claramente implicam em impactos cotidianos para os cidadãos e efeitos econômicos para o país, como, por exemplo, as estratégias de integração regional. Neste sentido destaca-se o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), que é a principal fonte de superávit comercial para o Brasil e também é grande consumidor de produtos manufaturados nacionais (Palácio do Planalto, 2015). O MERCOSUL é a mais importante ação em integração regional do Brasil e a grande imprensa<sup>1</sup> não deixaria de expressar suas avaliações a cada passo de desenvolvimento institucional do bloco. O último grande passo foi o processo de alargamento do bloco com a entrada da Venezuela no grupo, bem como as recentes sanções a ela impostas.

O presente trabalho é uma nota de pesquisa dedicada à análise das posições da imprensa brasileira sobre o papel da Venezuela no MERCOSUL, especificamente o exame dos editoriais dos periódicos *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*. Estes possuem circulação nacional e são atualmente os maiores jornais diários do país, cujos posicionamentos são tomados como representativos do posicionamento da imprensa *mainstream* nacional. São examinados os editoriais publicados sobre os dois episódios mencionados, quais sejam a entrada venezuelana no bloco (processo ocorrido entre 2006 e 2012) e as recentes sanções sofridas por Caracas (2016) pela incorporação incompleta de normas do MERCOSUL. Optou-se pela análise de editoriais porque, como expressão oficial das organizações de mídia, eles são a forma mais relevante de investigar as identidades da imprensa (Le, 2010).

---

<sup>1</sup> Entende-se por grande imprensa os maiores jornais de circulação diária e nacional, segundo a Associação Nacional dos Jornais (ANJ).

A análise é realizada sobre o quadro teórico da Análise do Discurso de tradição francesa, particularmente a de Dominique Maingueneau (2015; 2016), com o auxílio de ferramentas metodológicas da análise textual dos discursos – provenientes da linguística – para a apreensão e discussão dos conteúdos editoriais. Os resultados preliminares da análise textual indicam que os três jornais convergem na oposição ao ingresso da Venezuela no MERCOSUL, porém divergem sobre sanções a ela impostas. A *Folha de S. Paulo* possui um comportamento peculiar, pois não apresenta um posicionamento estável em relação a Caracas: o jornal discorda do ingresso venezuelano, mas também das sanções e suspensão. Ao passo que os demais mantiveram sempre sua posição desfavorável à Venezuela, isto é, contra seu ingresso e a favor das penalidades<sup>2</sup>. Tais resultados textuais são o ponto de partida para uma pesquisa mais ampla que ambiciona investigar as relações interdiscursivas que os geram, segundo a noção de primazia do interdiscurso de Maingueneau (2016).

A nota de pesquisa daqui prossegue expondo brevemente o objeto da pesquisa e a literatura pertinente que o cerca. Parte-se, então, para uma apresentação da perspectiva de Análise do Discurso e o exame dos editoriais de fato. Disso segue a discussão de resultados obtidos e, finalmente, os comentários finais.

## **2. Objeto**

O objeto desta nota de pesquisa em particular é a manifestação linguística do discurso editorial da imprensa brasileira sobre o papel da Venezuela no MERCOSUL. Conforme detalhado na quarta sessão do trabalho, os grandes jornais brasileiros apresentam posicionamentos díspares sobre o papel da Venezuela no bloco, o que revela posicionamentos distintos sobre como o Brasil deve se inserir internacionalmente. Foram selecionados três casos de periódicos como representativos da grande imprensa brasileira, nomeadamente os jornais *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*, uma vez que são os maiores jornais do Brasil em termos de circulação paga por ano de acordo com a Associação Nacional de Jornais em 2015, ano mais recente em que

---

<sup>2</sup> O termo estabilidade se referirá ao longo deste trabalho como a situação em que o jornal é sistematicamente contrário à Venezuela no MERCOSUL, ou seja, quando é contrário ao seu ingresso no bloco e favorável à suspensão.

o levantamento foi publicado<sup>3</sup>, além de terem alcance nacional e pertencerem a importantes grupos de comunicação do país. O comportamento de cada periódico será aferido pela análise textual dos seus editoriais sobre os temas propostos, já que este gênero jornalístico é o mais revelador sobre as identidades socioculturais dos jornais (Le, 2010; Emediato, 2013). A lista completa de editoriais é apresentada posteriormente no trabalho.

O estudo dos posicionamentos políticos da imprensa emergiu apenas a partir da redemocratização do país e a escolha deste objeto se faz relevante por duas razões.

A primeira é que as pesquisas têm se focado principalmente na cobertura midiática durante períodos eleitorais. Apesar do crescente volume de estudos, ainda há poucas a respeito de política externa. Este campo também merece atenção uma vez que a imprensa também se manifesta sobre temas internacionais (Cohen, 2015) e a integração regional, em particular, está proximamente relacionada às estratégias de desenvolvimento social e econômico do país. O MERCOSUL é notável exemplo disso. Dados do Palácio do Planalto em julho de 2015 revelam que o bloco ainda é a principal fonte de superávit comercial do Brasil e que esse superávit superou US\$ 2 bilhões nos primeiros seis meses daquele ano. Nota-se que dos US\$ 20,4 bilhões exportados para o MERCOSUL em 2014, mais de 80% correspondeu a produtos manufaturados (Palácio do Planalto, 2015).

A escolha do discurso acerca do ingresso venezuelano como parte do objeto, em detrimento de outro tema de política externa ou integração regional, é interessante por ser um tema que envolve conflitos distributivos internos e que gerou forte debate público, polarizando as posições de atores políticos. No caso do Brasil, o debate parlamentar se dividiu em dois campos claros (Goldzweig, 2013), ao passo que outros desenvolvimentos institucionais fundamentais do MERCOSUL – ou mesmo outros temas de política externa – não causaram tal grau de conflito e polarização, como o

---

<sup>3</sup> O veículo de maior circulação paga por ano, segundo a ANJ, é o mineiro *Super Notícia* (249.297 exemplares). Este foi desconsiderado para o propósito desta análise por se tratar de um tabloide e não do que a literatura denomina um “quality newspaper”. Tabloides focam em coberturas da vida privadas de indivíduos e temas de entretenimento em prejuízo a conteúdos de fato informativos (Uribe e Gunter, 2004), e por esta razão foram desconsiderados neste trabalho. Os jornais *O Globo* (193.079), *Folha de S. Paulo* (189.254) e *O Estado de S. Paulo* (157.761) foram, nesta ordem, os demais jornais mais bem colocados no ranking e não se enquadram na categoria de tabloide.

Tratado de Assunção (que criou o grupo em 1991) e o Protocolo de Ouro Preto (que lhe conferiu desenho institucional claro e lhe dotou de personalidade jurídica própria em 1994). A comparação entre os episódios da entrada e das sanções à Venezuela é particularmente interessante por permitir o estudo das identidades do discurso editorial em dois momentos diferentes da orientação oficial de Brasília em relação à Caracas<sup>4</sup>, o que lança linhas de análise adicionais para compreender os discursos.

A segunda razão é que trabalhos comparados em comunicação política focam em países desenvolvidos, propondo modelos e teorias de aplicação limitada em regiões que não sejam a América do Norte e a Europa Ocidental. A contribuição recente mais significativa neste sentido foi dada por Hallin e Mancini (2004), que sugerem três modelos de relação entre mídia e política. Os autores sugerem que a América Latina se enquadraria no chamado modelo pluralista polarizado (típico de países europeus mediterrâneos), porém a validade da extensão deste conceito é questionada (Albuquerque, 2012; Guerrero, 2014). No que se refere à literatura especializada em Análise do Discurso, a produção acadêmica nacional ainda se dedica pouco aos discursos midiáticos em temas externos<sup>5</sup>.

Justificam-se, portanto, investigações que mostrem e elucidem os discursos editoriais da imprensa brasileira em política externa, integração regional e MERCOSUL.

### **3. Análise do Discurso**

Como mencionado anteriormente, esta nota de pesquisa integra uma investigação maior que se desenvolverá a partir do quadro teórico e metodológico oferecido pela Análise do Discurso<sup>6</sup>. Primeiramente, o que é discurso? Para Maingueneau (2014), o discurso não é somente um conjunto de frases ou representação de algo, mas também uma forma de ação sobre o outro, regida por normas como qualquer outro comportamento, que vise modificar uma situação. A ação sobre outros quer dizer que a

---

<sup>4</sup> Favorável à Caracas no primeiro momento e desfavorável no segundo.

<sup>5</sup> Margarethe Born Steinberger (2005) é uma notável exceção.

<sup>6</sup> Não há uniformidade entre as distintas correntes de Análise do Discurso sobre como sistematizar uma metodologia para análise dos conteúdos. Conforme dito adiante, elegeu-se a análise textual de origem linguística.

noção de discurso implica em interatividade, isto é, pede a existência de sujeitos e de interlocutores. Em relação ao potencial de mudança, importante notar que o discurso modifica o contexto ao mesmo tempo em que só pode ser compreendido a partir de tal contexto (Nunan, 1993; Maingueneau, 2014). Maingueneau afirma que o discurso adquire sentido se visto no interior de outras práticas discursivas maiores – o interdiscurso pode ser compreendido como a relação de um discurso com outros – e que este sentido é algo permanentemente construído (Maingueneau, 2016).

Optou-se por esta perspectiva em função de dois pressupostos fundamentais da pesquisa: primeiramente, o de que comunicação de qualquer sujeito, seja uma alocução aparentemente trivial de indivíduos seja o posicionamento oficial de instituições, está inserida em contextos extralinguísticos que contribuem para determinar a fala, enquanto esta igualmente contribui para a sustentação ou não de tal contexto; em segundo lugar, o pressuposto da polissemia, ou seja, que uma mesma expressão da língua pode adquirir diferentes sentidos a depender de tal contexto e do texto nos quais se circunscreve. Isto significa um obstáculo para perspectivas *estritamente* quantitativas como a contagem de frequência de palavras, que possui filtros relativamente menos eficazes para detecção de nuances.

A Análise do Discurso é capaz de cobrir ambos os pressupostos (Brandão, 2012). Uma consideração da corrente discursivista francesa reforça o porquê. O campo teórico do discurso começou a se desenvolver nos anos 60 a partir de pesquisas esparsas que paulatinamente foram convergindo e delineando um campo mais bem definido após os 80. Especificamente na França, a Análise do Discurso evoluiu como disciplina marcada por três concepções norteadoras, quais sejam a de expandir os objetos de análise para além dos gêneros literários, a apropriação de ferramentas linguísticas para apreensão de estruturas textuais e o estabelecimento do objetivo de compreender as relações entre textos e situações sócio-históricas nas quais aqueles são produzidos (Brandão, 2012; Maingueneau, 2014). É interessante se atentar a cada uma destas três concepções antes de partir para análise textual dos editoriais.

A expansão do escopo da Análise do Discurso para além dos gêneros literários permitiu que diversas disciplinas das ciências sociais e humanas – como a ciência

política – incorporassem o discurso em suas agendas de pesquisa, balanceando o então predomínio das ciências da linguagem (Maingueneau, 2014). Esta expansão ocorreu de forma a incluir os discursos midiáticos no radar de investigação dos discursivistas. Charaudeau (2015) se dedicou ao estudo do discurso das mídias e as descreveu como instituições peculiares de produção do discurso por estarem submetidas a uma lógica tanto comercial, que busca público e resultados financeiros, quanto simbólica, cujo papel é regular o sentido social e construir sistemas de valores. Para o autor, as mídias detêm parcela do poder social por tornar outros sujeitos dependentes de suas informações. O discurso midiático, portanto, é um gênero válido no campo da Análise do Discurso.

Já a apropriação de ferramentas linguísticas permite à Análise do Discurso cobrir o pressuposto polissêmico de que o sentido de enunciados não possui direção fixa e apreensível apenas por frequência de palavras (Brandão, 2012). Apesar da ausência de consenso entre as diversas correntes de Análise do Discurso em termos metodológicos, os procedimentos linguísticos se sobressaem uma vez que contribuíram para a evolução da Análise do Discurso como disciplina e lhe proveram meios de analisar de maneira criteriosa as estruturas textuais (Maingueneau, 2014). Seguindo esta perspectiva, o presente trabalho examinará os materiais editoriais pela linguística textual já que esta descreve e revela as unidades textuais e suas operações de encadeamento e segmentação nos enunciados. Jean-Michel Adam (2011, p. 63) afirma sobre a linguística textual que ela “tem como papel, na Análise do Discurso, teorizar e descrever os encadeamentos de enunciados elementares no âmbito da unidade de grande complexidade que constitui texto”. A aplicação de alguns princípios da linguística textual será feita na próxima sessão do trabalho.

Por fim, a terceira dimensão é interessante de ser notada em vista da investigação maior na qual esta nota de pesquisa se insere. O propósito da Análise do Discurso de tradição francesa não é somente descrever os aspectos internos ou linguísticos do discurso, mas, sobretudo, relacionar o sentido das produções textuais aos contextos extralinguísticos (sócio-históricos) e às identidades das instituições produtoras do discurso (Nunan, 1993; Brandão, 2012; Maingueneau, 2014; Charaudeau, 2015). Esta nota de pesquisa é um ponto de partida para a investigação maior justamente por se ater

apenas aos aspectos intralinguísticos. O desenvolvimento posterior da pesquisa e o aprofundamento da compreensão do *corpus* e de suas origens se basearão em um traço fundamental da perspectiva discursiva de Maingueneau (2016), em especial, é a sua noção de primado do interdiscurso. Para o autor, o interdiscurso precede o discurso: os discursos se constituem pela relação de diversos discursos, se remetem ao outro (Maingueneau, 2016). No caso do gênero editorial, a literatura especializada indica que esse diálogo ocorre entre os meios de comunicação e o Estado (Melo, 2003) e são estas relações interdiscursivas que serão investigadas a partir do ponto de partida aqui apresentado.

#### **4. Análise dos editoriais**

As mídias organizam seus discursos de informação em torno de três formatos (Charaudeau, 2015). O primeiro deles é o relato dos acontecimentos, que envolve a construção de uma narrativa dos fatos pela descrição dos processos relacionados, dos personagens implicados e do contexto tanto espacial como temporal em que as ações ocorrem. É o típico caso das notícias comuns veiculados pela imprensa. Outro formato é quando o acontecimento é provocado, no sentido de que o veículo ativamente induz ao confronto de ideias e deliberação social; isto é o que ocorre com entrevistas e debates, por exemplo. Por fim, o terceiro formato possível, e o mais pertinente para o propósito deste trabalho, é o comentário do fato. Tal formato é de interesse particular por nele se enquadrarem os editoriais da imprensa (Charaudeau, 2015).

Comentar implica em expressar posicionamentos próprios e justificá-los para assim construir um espaço problematizado sobre os fatos. Apesar de estar frequentemente associado ao relato, o comentário apresenta peculiaridades importantes já que, ao contrário daquele, este prioriza não tanto a constatação, mas a explicação e argumentação. É uma transmissão de informação mais agressiva que questiona acontecimentos, lança hipóteses, desenvolve teses e estabelece conclusões ao interlocutor (Charaudeau, 2015) e claramente expressa as opiniões do veículo (Emediato, 2013). Do ponto de vista linguístico-textual, sequências<sup>7</sup> argumentativas são

---

<sup>7</sup> Sequências são agrupamentos de enunciados que, a depender de suas características e funções, podem ser de natureza descritiva, narrativa, argumentativa, explicativa ou dialogal. Combinações entre elas são possíveis (Adam, 2011).

marcadas por movimentos de demonstração de uma tese e refutação de outra em que procedimentos argumentativos conectam dados, premissas e fatos a alguma asserção conclusiva (Adam, 2011). Sequências de outras naturezas como a descritiva, a narrativa ou a explicativa eventualmente surgem como suporte à sequência argumentativa dominante, que estrutura o conjunto do texto como no esquema modelo abaixo (não necessariamente a ordem é rigidamente seguida):

*Tese Anterior + Dados e Fatos (sustentados por argumentação) → **Portanto** → Conclusão ou Tese*

O esquema acima será um guia para a apreensão e comparação das argumentações. É pela estrutura da sequência argumentativa e de seus três componentes (Tese Anterior; Dados e Fatos; Conclusão ou Tese) que os periódicos serão analisados, primeiramente de forma individual e, depois, comparada. A Tese Anterior se trata de uma ideia com a qual o texto dialoga e que permite o início da argumentação pela sua refutação. Dados e Fatos se tratam da natureza de elementos invocados para sustentar a refutação à Tese Anterior e a asserção da sua Conclusão própria, sendo esta asserção (ou o conjunto delas) fundamental que o discurso visa impor. Analisa-se pelas sequências uma vez que elas regem textos de natureza editorial e, portanto, outras sequências ou elementos linguísticos de outra ordem (expressões como conectores, organizadores textuais, marcadores de tempo) surgem apenas submetidos à lógica argumentativa e tem por função sustentá-la. A observação da estrutura sequencial como um todo permitirá o exame organizado dos posicionamentos substantivos e da evolução de posicionamentos entre os jornais analisados sobre os dois temas propostos, quais sejam o processo de incorporação venezuelana ao MERCOSUL e as posteriores sanções.

No total, foram considerados 15 editoriais dos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* cujos focos recaem especificamente nos temas mencionados:

<b>Editorial</b>	<b>Tema</b>	<b>Data</b>	<b>Referência</b>
<i>Folha de S. Paulo</i>			
O melhor é dizer não	Entrada	25/11/2007	F1
Convite ao tumulto	Entrada	30/10/2009	F2
Sem rumo no Mercosul	Entrada	02/08/2012	F3

Impasse no Mercosul	Sanções	12/07/2016	F4
Novo tom no Mercosul	Sanções	16/09/2016	F5
<b><i>O Estado de S. Paulo</i></b>			
O Mercosul bolivariano	Entrada	05/05/2009	E1
Um claro não a Maduro	Sanções	16/08/2016	E2
Mercosul livre de Maduro	Sanções	15/09/2016	E3
Uma chance para o Mercosul	Sanções	21/10/2016	E4
A Venezuela e o Mercosul	Sanções	03/12/2016	E5
<b><i>O Globo</i></b>			
Hora inadequada	Entrada	28/07/2006	G1
Desagregador	Entrada	04/05/2009	G2
Venezuela entra pela janela do Mercosul	Entrada	31/07/2012	G3
Brasil e Argentina aumentam pressão sobre Maduro	Sanções	07/07/2016	G4
Mercosul deve mesmo pressionar a Venezuela	Sanções	21/07/2016	G5
Fonte: portais <i>online</i> dos jornais mencionados e Biblioteca do Senado. Tabela elaborada pelo autor.			

Segue-se, então, para a análise das sequências argumentativas desenvolvidas pelos veículos individualmente.

#### **4.1. Folha de S. Paulo**

A *Folha de S. Paulo* publicou 5 editoriais entre 2007 e 2016 focados na situação da Venezuela no MERCOSUL, cobrindo desde o processo de entrada até as recentes sanções às quais o país foi submetido. Os editoriais seguem a estrutura de sequência argumentativa citada anteriormente, apesar de não necessariamente naquela ordem. Tendo em vista os componentes da sequência (Tese Anterior; Dados e Fatos; Conclusão ou Tese), é interessante notar que apesar das avaliações sobre as teses anteriores e parte dos argumentos serem estáveis em todos os textos, o periódico introduz novos argumentos nos editoriais que discutem as sanções à Venezuela e disso extrai conclusões novas que em um primeiro momento poderiam ser consideradas inesperadas, apresentando desta forma um comportamento peculiar (ou instável) sobre o pertencimento venezuelano no MERCOSUL.

Os editoriais F1, F2, e F3, que discutem a entrada do país no bloco, foram publicados ao longo do período de tramitação do protocolo de adesão venezuelano no

Congresso Nacional e apresentam bastante coerência entre si em termos de semelhança dos componentes da sequência argumentativa. A Tese Anterior refutada é claramente o discurso oficial da administração Lula sobre a natureza do sistema político venezuelano e a importância do comércio externo com o país caribenho. A Tese Anterior anunciada é a de que o propósito do ingresso da Venezuela no MERCOSUL é uma iniciativa de aproximação com o Estado venezuelano e seu potencial comercial, e não uma aproximação visando apoio ao então presidente Hugo Chávez. A atribuição de responsabilização por esta narrativa a Lula é clara pela utilização de marcadores de responsabilização enunciativa indicando que uma parcela do texto não é assumida pelo locutor (Adam, 2011), que no caso é o jornal. Em F1, utiliza-se o marcador “(...) diz Lula” e em F2 a Tese Anterior é referida como “de costume do presidente Lula”.

O discurso oficial brasileiro é avaliado como “irrealista” (F2) e “míope” (F3). A argumentação dos editoriais rejeita a Tese não somente pela responsabilização direta de Lula, mas também desenvolvendo argumentos sobre a cooptação das instituições venezuelanas pelo governo Chávez, invalidando desta forma a possibilidade de separação entre o Estado venezuelano e o “regime chavista”. Os adjetivos desqualificadores são justificados pela enumeração de diversos dados e fatos sobre a natureza da política doméstica venezuelana, rejeitando a existência de um governo plenamente democrático. Listam-se características como a captura de instituições por Chávez, desrespeito a contratos e aumento do autoritarismo. A estratégia de denúncia por meio da responsabilização direta pessoal não é usada somente com Lula, mas também com seu homólogo venezuelano. A *Folha* expressa que o problema não é a Venezuela em si, afirma que “qualquer que seja o rótulo do regime, o problema tem outro nome. Chama-se Hugo Chávez” (F2).

Seguindo para o terceiro componente da sequência argumentativa sobre a entrada da Venezuela no MERCOSUL, o jornal conclui que a medida não é favorável ao desenvolvimento do bloco. Apoiado pelos dados levantados para questionar as regras do jogo político doméstico venezuelano, a *Folha* utiliza o conector argumentativo de conclusão “por tudo isso” (Adam, 2011), em F1, por exemplo, para introduzir a nova tese: o ingresso venezuelano permitirá que Chávez (novamente persiste a referência direta ao presidente, e não ao país de forma generalizadora) tenha poder de veto no

MERCOSUL, tornando-o “ingovernável” (F1) e sujeito a “políticas erráticas” e “ideologização” (F3) que reduziriam a capacidade do bloco de aprofundar a integração e selar acordos com os Estados Unidos e União Europeia. Reivindica-se, portanto, a não entrada da Venezuela no grupo.

O interessante de notar nas próximas posições editoriais da *Folha* em F4 e F5, em que se discutem as sanções à Venezuela em 2016, é que apesar das recomendações anteriores contra a participação deste país no MERCOSUL, a sequência argumentativa é crítica ao governo brasileiro quando este apoia medidas retaliativas. As referências à Tese Anterior em F4 e F5 permanecem atreladas à narrativa oficial brasileira, só que não mais a de Lula, e sim a da administração atual de Temer. As sequências agora se constroem a partir da refutação da argumentação oficial de que a Venezuela deve ser punida, seja pelo impedimento de assumir a presidência rotativa seja pela sua suspensão do bloco, por não haver cumprido o prazo para a incorporação das normas da organização em seu sistema doméstico. O jornal refuta esta justificativa informando que o MERCOSUL apresenta uma frouxa tradição de respeito estrito às regras e prazos por parte de seus membros fundadores, sendo a atitude contra a Venezuela um “precedente perigoso” (F4).

A estratégia argumentativa da responsabilização pessoal retorna nos editoriais F4 e F5, mas agora contra o chanceler José Serra. Enquanto o Itamaraty como organização é elogiado por abandonar a “indulgência” (F5) em relação à Venezuela e liderar os demais membros fundadores do bloco, a responsabilização pela narrativa equivocada do não cumprimento dos prazos é atribuída totalmente a Serra em pessoa e ainda o acusa de estar motivado por ambições eleitorais e convicções ideológicas. Após reforçar sua posição anterior de questionar Caracas por suas deficiências democráticas, a *Folha* o responsabiliza afirmando que o ministro “(...), contudo, preferiu o motivo mais frágil para levar adiante o que parece ser sua prioridade regional: isolar a Venezuela” (F5).

Este trecho é interessante não só por evidenciar a responsabilização, mas por introduzir a nova tese defendida pelos editoriais, que é a de que sancionar e isolar a Venezuela não é a solução para o impasse envolvendo o país. Em F4, o periódico invoca exemplos históricos e introduz uma curta sequência narrativa em suporte à argumentativa, lembrando que sanções contra Fidel Castro não foram efetivas em

promover mudanças políticas em Cuba. O jornal ainda invoca as tradições da política externa brasileira como suporte à posição, alertando que Serra não deve esquecer o papel mediador e conciliador do Itamaraty. Sanções são representadas como medidas contraproducentes que não contribuem para solucionar os problemas domésticos venezuelanos e promover uma transição.

Importante notar que em F4 e F5 a *Folha* segue recorrendo a dados e fatos da situação política venezuelana para fundamentar suas posições, porém, ao construir sequências argumentativas baseadas na refutação e suporte de outras teses, modifica-se a posição sobre o pertencimento venezuelano ao MERCOSUL. Como havia existido a defesa de sua não entrada, se poderia esperar que não se opusesse à suspensão. No entanto, a estratégia de isolamento é rejeitada e, no conjunto dos editoriais, o jornal revela um posicionamento ambíguo sobre o pertencimento da Venezuela no MERCOSUL.

#### **4.2. O Estado de S. Paulo**

Assim como os editoriais da *Folha*, as 5 publicações d'*O Estado* também seguem sequências argumentativas nas quais é possível identificar o diálogo com uma Tese Anterior e a construção de argumentos que refutam pontos de vista concorrentes em favor de uma nova Conclusão própria. Diferentemente do periódico anterior, no entanto, os editoriais d'*O Estado* apresentam sequências muito semelhantes entre si em termos da natureza dos pontos de vista refutados e defendidos, ou seja, os pontos de partida e de chegada não possuem tantas nuances ou mesmo viradas de argumentação contraintuitivas como na *Folha*. Como será mostrado, o jornal teve comportamento estável em relação ao pertencimento da Venezuela no MERCOSUL, posicionando-se contra ele de forma estável ao longo dos posicionamentos.

Como no caso anterior, a Tese Anterior cuja refutação inicia a sequência argumentativa está atrelada ao posicionamento oficial brasileiro. Porém, no caso d'*O Estado* há um fator de continuidade importante, que é a referência contínua às teses das gestões do Partido dos Trabalhadores (PT) na presidência (enquanto a *Folha* realinhou suas críticas ao governo Temer nos editoriais finais). Sobre a entrada venezuelana no MERCOSUL, o periódico afirma que o suporte brasileiro à iniciativa foi resultado de

“orientação (...) fantasiosa, alimentada por uma ilusão de liderança regional” (E1) por parte do Planalto. O uso de termos como “fantasiosa” e “ilusão” revelam por si próprias o discurso desqualificador de não racionalidade lançado sobre a posição oficial das administrações do PT. Além deste trecho, o editorial E5 enquadra o ingresso venezuelano como “marco dessa catarata ideológica da chancelaria brasileira durante os governos Lula e Dilma Rousseff”.

Nota-se que os marcadores textuais de responsabilização enunciativa estendem a atribuição do “erro grave” do ingresso venezuelano a todo o espectro político de esquerda, já que tal erro foi “cometido em 2012 pelo Brasil, Argentina e Uruguai, então governados por presidentes de esquerda” (E3). A refutação à Tese Anterior e a responsabilização da esquerda se mostra de forma muito contundente também quando o tema são as sanções. As recentes medidas contra a Venezuela seriam a superação do que é chamado de “entulho petista e bolivariano acumulado em 13 anos”, “grotesco projeto de tintura terceiro-mundista” (E4) e “ranço petista-kirchnerista” (E5). Em comparação à *Folha*, *O Estado* explora os recursos de responsabilização mais predominantemente contra grupos políticos (de esquerda, no caso) que a indivíduos.

Refutada a Tese Anterior, os editoriais d’*O Estado* prosseguem na sequência argumentativa levantando dados e fatos em duas linhas principais. Uma das estratégias, parecida com a do jornal analisado anteriormente, foi a de alegar deficiências da democracia venezuelana como sustentação para a Conclusão de que o lugar da Venezuela não é no MERCOSUL. Em E2 e E5, os impasses políticos domésticos do país são apresentados por sequências narrativas e explicativas (bastante extensa em E2) semelhantes a uma notícia comum, se forma a gerar embasamento factual à proposição argumentativa. Os fatos levam à asserção de que a participação venezuelana no MERCOSUL gerará instabilidades e impasses adicionais na gestão do bloco. Outra estratégia importante de ser notada é a citação elogiosa ao chanceler Serra pela iniciativa atribuída a ele de pressionar o governo venezuelano e suspendê-lo do bloco em função do descumprimento de regras no prazo. *O Estado* claramente entende esta é um fato legítimo para questionar o atual presidente Nicolás Maduro, “ou o país se enquadra nas condições do bloco ou simplesmente deixa de integrá-lo” (E4).

A enumeração e explicação de fatos tanto em torno das falhas democráticas venezuelanas como das normas descumpridas sustentam a Conclusão de que as sanções são justificadas, como mostra o conector argumentativo “portanto” em E2 “Sobram razões, portanto, aos que se recusam a entregar a presidência do MERCOSUL”. A sequência argumentativa desenvolvida pelo *O Estado* defende a Conclusão de que a presença de Caracas é negativa para o desenvolvimento do MERCOSUL e para os interesses do Brasil, colocando este ponto de vista na reivindicação de fundo dos editoriais, que é a de que o governo Temer retire os “entulhos” do passado (a tese refutada) e “resgate” (E5) o MERCOSUL. E4 posiciona uma sequência explicativa, cuja construção é feita para demonstrar relações de causa e efeito pelo conector “se” (Adam, 2011), que resume o chamado ao governo Temer “Se os governos forem capazes de conduzir essa mudança [revitalizar o bloco], o MERCOSUL entrará enfim no século 21”.

#### **4.3. O Globo**

O jornal com maior circulação no Brasil, *O Globo*, tampouco deixou de manifestar suas avaliações sobre a participação venezuelana no MERCOSUL. Igualmente contando com 5 publicações sobre a entrada ou as sanções contra o país, o periódico mostra estruturas argumentativas semelhantes às d’*O Estado* na medida em que compartilha posicionamentos em relação às razões que permitiram a entrada da Venezuela e as justificativas do porquê tal participação é negativa. Assim como o jornal anterior, *O Globo* mostrou posicionamentos estáveis no sentido de continuamente rejeitar o país caribenho no grupo. À diferença daquele, no entanto, *O Globo* utilizou mais recursos sequenciais explicativos e narrativos que os demais (em G4 e G5, particularmente), mas sem deixar de apresentar a predominância da sequência argumentativa típica de editoriais.

Começando pelo primeiro componente da sequência, a Tese Anterior refutada pelo *O Globo* é semelhante às dos periódicos anteriores. Constrói-se uma crítica da visão governamental à época da administração Lula de que o ingresso da Venezuela no MERCOSUL representaria ganhos econômicos singulares dada sua produção petrolífera, necessidade de importações e tamanho do Produto Interno Bruto. Em um momento claro de referência ao interdiscurso, o jornal cita diretamente o então

chanceler Celso Amorim em G2, que argumentava que a os venezuelanos representariam um ganho de “valor econômico, estratégico e simbólico”. Ao refutar esta tese, os editoriais se ativeram, sobretudo, ao questionamento dos supostos ganhos econômicos. Mesmo que se reconheça a significância aparente das estatísticas, *O Globo* contra-argumenta levantando fatos denunciativos contra o governo venezuelano em termos sociais e políticos, problematizando o que chama de “números frios” (G1). Para isso, invoca marcadores de responsabilização que associam Chávez aos problemas do país ou mesmo marcadores enunciativos direcionados diretamente contra presidente, sendo que em G2 é explicitamente expresso que “o entrave não se chama Venezuela, mas Chávez”.

A argumentação representa Chávez como expoente do radicalismo, estatismo e populismo, além de ser fonte de perturbação diplomática. Tais características são mobilizadas pelo locutor a fim de lançar dúvidas sobre a disposição de investidores e governos estrangeiros em selar acordos com o MERCOSUL e, desta forma, introduzir a Conclusão de que o ingresso venezuelano no bloco é uma atitude equivocada. A passagem destes fatos para a Conclusão é ilustrado por um enunciado argumentativo em G1, no qual o periódico cita o fracasso da Rodada Doha e a perspectiva de negociações com União Europeia e afirma que “Não há, portanto, momento mais inoportuno do que este para o bloco abrir as portas a Chávez”. Em relação às sanções, a cláusula também é invocada como instrumento válido de pressão em favor do desenvolvimento do bloco, adiantando-se em rejeitar contra-argumentações de ingerência indevida em assuntos internos da Venezuela.

Além da argumentação pragmática, *O Globo* recorre à normativa como os jornais anteriores. Longas sequências narrativas sobre os impasses políticos domésticos da Venezuela se combinam com a estrutura argumentativa central em G4 e G5 para fundamentar a asserção conclusiva de que a cláusula democrática do MERCOSUL deveria ser acionada. O governo do país é caracterizado como tendo “rasgos totalitários” (G4), o que é uma afirmação contundente mesmo com a ponderação de não acusá-lo categoricamente como tal. Como visto, as sequências narrativas d’*O Globo* apresentam diversas semelhanças com o d’*O Estado* ao firmemente se oporem à participação venezuelana no MERCOSUL, e partilham entre si as diferenças em relação

às da *Folha*. A próxima subseção se dedica especialmente a salientar as diferenças e semelhanças entre os três jornais analisados.

#### **4.4. Discussão**

A análise textual permitiu apreender os principais componentes das sequências argumentativas postas por cada um dos casos de jornais selecionados. A partir desta descrição individual, é necessário retomar alguns pontos de forma a salientar as semelhanças e diferenças entre os casos, o que permitirá a visualização das variações de posicionamentos e argumentos, constituindo-se no ponto de partida para a pesquisa mais ampla sobre os discursos midiáticos nos editoriais dos veículos da grande imprensa escrita no Brasil em temas internacionais, no caso, a reação à entrada e às sanções à Venezuela no MERCOSUL. Isso é importante uma vez que, como comentado na terceira sessão, as perspectivas em Análise do Discurso devem se ater não somente às características linguísticas do texto, mas também ao contexto extralinguístico e o interdiscurso que as faz possíveis.

Primeiramente, vale notar as semelhanças entre as sequências dos três periódicos. O primeiro ponto que chama a atenção é que todos sugerem uma atividade interdiscursiva com os posicionamentos oficiais do governo, seja o governo Lula ou Rousseff seja o governo Temer. No esquema proposto de análise das sequências, este interdiscurso foi captado pelo componente Tese Anterior, o que remete a outra constatação interessante. Os três jornais realizaram um diálogo altamente crítico em relação ao discurso dos governos do PT, em especial Lula. A separação entre a importância do comércio com a economia venezuelana e o governo de Chávez e Maduro não foi aceito, uma vez que tal Tese Anterior desencadeou contra-argumentos no sentido de que os benefícios econômicos da integração se ofuscariam diante das deficiências democráticas e sociais venezuelanas. Mesmo que em certos momentos a relevância do mercado venezuelano seja reconhecida, as condenações de Chávez e Maduro se mostram sempre textualmente superiores nas sequências.

Além disso, um argumento frequentemente mobilizado foi o da ideologização com viés de esquerda, que haveria retirado o pragmatismo da formulação de política externa sobre o MERCOSUL. Não é admitida qualquer possibilidade que haja racionalidade,

em termos de interesses brasileiros, na Tese Anterior refutada de importância da incorporação venezuelana. A mobilização de argumentos pragmáticos e normativos por parte dos jornais apresentou pouca variação, notando-se apenas o predomínio dos normativos na *Folha* e um maior equilíbrio nos dois demais. De toda forma, as sequências convergiram para a mesma Conclusão quando se falou em entrada da Venezuela: ela não deveria ocorrer e urgia que o Congresso fizesse as mesmas considerações.

As Conclusões sobre a entrada venezuelana foram convergentes, mas este não foi o caso das sanções. E isto abre caminho para a discussão de importantes diferenças entre os jornais, especialmente as peculiaridades da *Folha*. Enquanto *O Estado* e *O Globo* se mantiveram firmes ao longo de todos os editoriais rechaçando qualquer possibilidade da participação venezuelana no MERCOSUL, isto é, demandando a rejeição da adesão e a aprovação das sanções (tanto não assumir a presidência rotativa quanto a suspensão), a *Folha* exprimiu argumentações com mais nuances que merecem atenção. Em primeiro lugar, este jornal foi o único a não apoiar as sanções, principalmente a suspensão, contra a Venezuela. Os editoriais prosseguiram a sustentar os argumentos normativos sustentados pelo levantamento de fatos e dados do regime político venezuelano, mas não aceitaram as justificações do governo Temer e seu chanceler Serra sobre o descumprimento das normas do bloco por parte de Caracas.

Além de qualificar esta justificativa como frágil, a *Folha* foi o único veículo que mobilizou argumentos ancorados nas tradições diplomáticas brasileiras de conciliação, mediação e diálogo, criticando dessa forma o que seria uma política de isolamento contraproducente. Serra inclusive é acusado de manter ideologizada a política externa, o que seria indevido mesmo se em direção contrária à dita ideologização de Lula. As referências a Serra são nitidamente diferentes nos editoriais de *O Estado* e *O Globo*, nos quais Serra é exaltado, citado e em nenhum momento associado com um novo movimento ideologizador. Isso implica que a *Folha* foi, por consequência, o único veículo crítico a posicionamento oficial do governo brasileiro seja qual fosse sua vertente política, o que é provocador do ponto de vista de teorias em comunicação

política que se dedicam ao estudo do comportamento *watchdog*<sup>8</sup> da imprensa. Os meios de comunicação latino-americanos são geralmente categorizados como deficientes em seu papel de supervisão, mas tal peculiaridade da *Folha* em relação demais provoca este postulado.

De forma esquematizada, a *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* podem ser sumarizados da seguinte forma:

<b>Componente da sequência</b>	<b>Aspecto</b>	<b>Folha de S. Paulo</b>	<b>O Estado de S. Paulo</b>	<b>O Globo</b>
<b>Tese Anterior</b>	Crítico ao governo Lula/Rousseff - entrada	Sim	Sim	Sim
	Crítico ao governo Temer - sanção	Sim	Não	Não
<b>Dados e Fatos</b>	Argumentos de ordem política	Sim	Sim	Sim
	Argumentos de ordem econômica	Não	Sim	Sim
	Argumentos de ordem diplomática	Sim	Não	Não
<b>Conclusões</b>	Favorável à Venezuela - entrada	Não	Não	Não
	Favorável à Venezuela - sanção	Sim	Não	Não
	Estabilidade sobre o pertencimento da Venezuela	Não	Sim	Sim

Tais resultados preliminares suscitam indagações sobre quais razões levam a *Folha de S. Paulo* a adotar um discurso diferente dos demais em três pontos. São eles 1/ a estabilidade da posição crítica ao governo brasileiro, 2/ mobilização de argumentos

<sup>8</sup> Cão de guarda, literalmente. Refere-se ao papel midiático de fiscalização e de questionamento das ações governamentais a fim de prevenir abusos, gerar deliberação social e contribuir para o funcionamento dos regimes democráticos.

diplomáticos (tradições da política externa brasileira) e 3/ estabilidade da posição sobre o pertencimento venezuelano ao MERCOSUL. A investigação dos contextos extralinguísticos dos discursos e as relações interdiscursivas com discursos oficiais do governo brasileiro e outras forças políticas (como lideranças partidárias de situação e oposição) são as próximas etapas da investigação na qual nota de pesquisa se insere. O primado do interdiscurso na perspectiva de Maingueneau (2016) e a literatura especializada em jornalismo opinativo na imprensa brasileira (Melo, 2003) permitem o lançamento da hipótese de que as origens dos discursos textualmente analisados se encontra na interdiscursividade em relação aos discursos oficiais do governo, o que norteará os desenvolvimentos da pesquisa.

## **5. Comentários finais**

Este trabalho foi uma nota de pesquisa cujo objetivo foi desvendar a superfície linguística dos posicionamentos da grande imprensa brasileira sobre a participação venezuelana no MERCOSUL a partir da análise de editoriais dos principais jornais diários do Brasil, além de situar tal análise linguística na pesquisa em que se insere e em seu quadro teórico. O MERCOSUL é a principal iniciativa de integração regional do país e carecem estudos sobre o posicionamento da imprensa diante dele, como há carência desta natureza de estudo sobre temas de política externa em geral. A Análise do Discurso foi adotada como perspectiva teórica de base por sua capacidade de superar alguns pressupostos levantados pela pesquisa, sobretudo a apreensão adequada de conteúdos textuais por intermédio de ferramentas linguísticas capazes de se ater a detalhes argumentativos que passam despercebidos por análises de outra natureza (como a estritamente quantitativa) e a preocupação em conectar os conteúdos linguísticos aos contextos extralinguísticos.

As principais conclusões desta nota de pesquisa são as de que, apesar de parte da literatura enxergar a imprensa brasileira por lentes de modelos totalizantes que não se focam em atentar às diferenças entre os diversos veículos dentro do sistema de mídia brasileiro, a grande imprensa nacional possui variações de posicionamento provocativas em seu interior. Os artigos revelaram as linhas gerais de um posicionamento predominantemente desfavorável ao pertencimento da Venezuela no MERCOSUL e, até

mais importante que isso, um comportamento diferenciado por parte da *Folha de S. Paulo* em comparação ao *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*. A *Folha* não somente mobilizou argumentos únicos sobre as tradições da política externa brasileira como teve um comportamento único no que concerne à estabilidade da postura crítica sobre diferentes governos no Brasil e a ambiguidade na postura sobre o pertencimento venezuelano ao MERCOSUL. São estas as descobertas desta nota de pesquisa que abrem caminho para a continuidade das investigações sobre o comportamento da imprensa nacional em política externa.

## 6. Referências

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. Cortez, 2008.

ALBUQUERQUE, Afonso de. On models and margins: comparative media models viewed from a Brazilian perspective. **Comparing media systems beyond the western world**, p. 72-95, 2012.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. **Os maiores jornais do Brasil em circulação paga, por ano**. Ano 2015.

BRANDÃO, Helena Nagamine. Enunciação e construção do sentido. **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, p. 19-44, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2015.

EMEDIATO, Wander. A construção da opinião na mídia: argumentação e dimensão argumentativa. **A construção da opinião na mídia**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.

COHEN, Bernard Cecil. **Press and foreign policy**. Princeton University Press, 2015.

GITLIN, Todd. **The whole world is watching: Mass media in the making & unmaking of the new left**. Univ of California Press, 1980.

GOLDZWEIG, Rafael Schmuziger. A Entrada Da Venezuela No Mercosul: Análise Dos Aspectos Políticos E Econômicos. **Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais**, v. 1, n. 1, p. 02-29, 2013.

GUERRERO, Manuel Alejandro. The ‘Captured Liberal’ Model in Latin America. **Media systems and communication policies in Latin America**, p. 43-65, 2014.

HALLIN, Daniel C.; MANCINI, Paolo. **Comparing media systems: Three models of media and politics**. Cambridge university press, 2004.

IYENGAR, Shanto; KINDER, Donald R. **News that matters: Television and American opinion**. University of Chicago Press, 2010.

LE, Elisabeth. **Editorials and the power of media: Interweaving of socio-cultural identities**. John Benjamins Publishing, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Parábola, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. 2ª edição, Parábola, 2016.

MCCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L. The agenda-setting function of mass media. **Public Opinion Quarterly**, v. 36, n. 2, p. 176-187, 1972.

MELO, José Marques. **Jornalismo opinativo**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

NUNAN, David. **Introducing discourse analysis**. Penguin Books, 1993.

PALÁCIO DO PLANALTO. Mercosul é a principal fonte de superávit comercial do Brasil. 17 Jul. 2015. Disponível em:

<<http://www2.planalto.gov.br/noticias/2015/07/mercosul-e-principal-fonte-de-superavit-comercial-do-brasil>>. Acesso em 20 Dez. 2016.

SOROKA, Stuart et al. Mass media and policymaking. **Routledge Handbook of the Policy Process**, p. 204-214, 2012.

SOROKA, Stuart N. Media, public opinion, and foreign policy. **Harvard International Journal of Press/Politics**, v. 8, n. 1, p. 27-48, 2003.

STEINBERGER, Margarethe Born. **Discursos geopolíticos da mídia. Jornalismo e imaginário internacional na América Latina.** São Paulo: Cortez Editora/Fapesp/Educ, 2005.

TUCHMAN, Gaye. **Making news: A study in the construction of reality.** 1978.

URIBE, Rodrigo; GUNTER, Barrie. Research note: The tabloidization of British tabloids. **European Journal of Communication**, v. 19, n. 3, p. 387-402, 2004.

## 6.1. Editoriais

### ▪ **Folha de S. Paulo**

Convite ao tumulto. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 out. 2009. Editorial. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz3010200901.htm>>. Acesso em 12 Dez. 2016.

Impasse no Mercosul. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 jul. 2016. Editorial. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniaofz3010200901.htm>>. Acesso em 12 Dez. 2016.

Novo tom no Mercosul. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 16 set. 2016. Editorial. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/opiniaofz3010200901.htm>>. Acesso em 12 Dez. 2016.

O melhor é dizer não. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 nov. 2007. Editorial. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2511200701.htm>>. Acesso em 12 Dez. 2016.

Sem rumo no Mercosul. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 02 aug. 2012. Editorial. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz3010200901.htm>>. Acesso em 12 Dez. 2016.

### ▪ **O Estado de S. Paulo**

A Venezuela e o Mercosul. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 03 dez. 2016. Editorial. Disponível em: <<http://opiniaofz3010200901.htm>>. Acesso em 12 Dez. 2016.

Mercosul bolivariano. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 05 mai. 2009. Editorial. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,mercosul-bolivariano,365489>>. Acesso em 12 Dez. 2016.

Mercosul livre de Maduro. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 15 set. 2016. Editorial. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,mercosul-livre-de-maduro,10000076081>>. Acesso em 12 Dez. 2016.

Uma chance para o Mercosul. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 21 out. 2016. Editorial. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,uma-chance-para-o-mercosul,10000083451>>. Acesso em 12 Dez. 2016.

Um claro não a Maduro. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 16 aug. 2016. Editorial. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,um-claro-nao-a-maduro,10000069725>>. Acesso em 12 Dez. 2016.

- **O Globo**

Brasil e Argentina aumentam pressão sobre Maduro. **O Globo**, Rio de Janeiro, 07 jul. 2016. Editorial. Disponível em: <<http://noblat.oglobo.globo.com/editoriais/noticia/2016/07/brasil-e-argentina-aumentam-pressao-sobre-maduro.html>>. Acesso em 12 Dez. 2016.

Hora inadequada. **Biblioteca do Senado**, Brasília, 28 jul. 2006. Editorial. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/401694/noticia.htm?sequence=1>>. Acesso em 12 Dez. 2016.

Desagregador. **Biblioteca do Senado**, Brasília, 04 mai. 2009. Editorial. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/410321/noticia.htm?sequence=1>>. Acesso em 12 Dez. 2016.

Mercosul deve mesmo pressionar a Venezuela. **Biblioteca do Senado**, Brasília, 21 jul. 2016. Editorial. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/opinioao/mercosul-deve-mesmo-pressionar-venezuela-19754623>>. Acesso em 12 Dez. 2016.

Venezuela entra pela janela no Mercosul. **Biblioteca do Senado**, Brasília, 31 jul. 2012. Editorial. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/433295/noticia.htm?sequence=1>>. Acesso em 12 Dez. 2016.

